

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 24\$00
Ultramar 29\$00
Estrangeiro 35\$00
(Séries de 24 números)
Pagamento adiantado

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**
Composto e impresso na *Tipografia Figueirense*

Director e Editor
Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Nental de Abreu
Figueiró dos Vinhos

Catástrofe em Figueiró dos Vinhos

O mais violento incêndio de que há memória deixou no luto e na miséria dezenas de famílias

A MANHECEU tórrido aquele fatídico dia 28 de Agosto. O rigor da canícula era mais acentuado ainda pelo «suão» que se levantara e fazia redemonhar os corpos leves. Pouco a pouco a ventania tornava-se mais acentuada, arrastando folhagem e poeira.

A falta de estradas e o vento deram a uma tragédia, que já se adivinhava grave proporções de verdadeiro cataclismo.

Ao meio-dia, a temperatura escaldante sufocava a vila, quando um sinal de alarme dado pela sirene colocada no alto dos Paços do Concelho a agitou. Era o primeiro rebate, mas ninguém diria ser o começo duma desgraça que horas depois atingiria o zénite.

Acorreram os Bombeiros a Aldeia Ana de Aviz onde extinguiram um incêndio em matas, regressando pouco depois.

Entretanto, dos pontos mais altos, assistia-se ao que se previa um grande sinistro. Para os lados de Cernache do Bonjardim, mais precisamente nos cabeços que rodeiam San a Maria Madalena, densas nuvens de fumo revelavam a destruição maciça de arvoredo. Porém era longe e os figueirense, pacatos, confiavam na intransponibilidade do Zêzere pelas chamas, até porque ele, em plena albufeira de Castelo de Bode, tem mais de 50 metros de largura.

Dezenas de milhares de contos de prejuízos.

14 horas. Soa novo alarme e desta vez com algum pânico, pois que alguns espiritos mais exaltados vêem nos espessos rolos de fumo, que sobem do poente, o início da destruição da fábrica de derivados de resina, pertencente à firma Gualdino dos Santos Crisóstomo, situada a escassos 100 metros do Bairro Municipal. O fogo era, todavia, na

serra de S. Neutel, para o lado das Cabças.

De súbito, o sol escurecera. Do seu esplendor de há pouco restava o calor, o mesmo calor infernal.

No vil, o trabalho parou, todos olhavam estupefactos a densa nuvem de fumo que escurecia o céu.

Mas, num abrir e fechar de olhos, toda a situação se modificara. Dos vizinhos lugares do Carapinhal e Chãos chegavam mensageiros aflitos, pedindo socorros, pois chamas aliterosas estavam prestes a atingir as primeiras casas daqueles povoados. Todas as pessoas válidas da região estavam há muito empenhadas numa luta insana de vida ou de morte, mas era impossível dominar tão violento incêndio que eclodira lá para as margens do

Além do Vale do Rio e Casalinho mais 14 povoações estiveram em perigo.

rio.

E foi o auge da excitação, que o do desespero viria depois!

Os sinos tocavam a rebate, os estabelecimentos fechavam, os trabalhadores abandonavam as ocupações e todos, todos se abalaram, utilizando os mais diversos meios, para a região atingida. Na Câmara Municipal o respectivo presidente—Sr. Dr. Henrique Lacerda—multiplicava os seus esforços, tentando desesperadamente fazer chegar reforços. Além de inúmeras Corporações de Bombeiros, que pouco a pouco foram chegando, foi pedida a colaboração das forças militares.

Num apice, a zona afectada era «reconhecida» por dois jactos descolados de Tanco.

Quando chegaram os primei-

O sinistro de mais de 40 quilómetros de frente e de profundidade foi debelado por cerca de 300 bombeiros, 400 militares e muitas centenas de voluntários.

As povoações de Casalinho e Vale do Rio foram devoradas pelas chamas

meiros militares, vindos de Leiria, as chamas lavravam já nas proximidades de Chávile, Fontainhas, Coutada, etc..

A cintura de fogo era esmagadora, gigantesca, ameaçando tudo e todos. O vento era seu aliado precioso. Ardiam as primeiras casas e as populações da zona ocidental da freguesia de Figueiró dos Vinhos, gritavam, implorando a ajuda de Deus e dos homens, tentando sair de casa o maior número de haveres que iam metendo em sacos, malas e algum esconderijo julgado menos acessível.

A chegada do pessoal militar foi providencial: verificou-se no exacto momento em que a fábrica de alcatrão já citada e a serração de Manuel de Freitas

Centenas de animais domésticos carbonizaram e dezenas de pessoas sem lar.

Lopes começavam a correr perigo eminente e assim toda a vila de Figueiró, já que a extensa frente de combate às chamas tornava insignificante a acção das muitas centenas de pessoas, de todas as categorias, que coadjuvavam as Corporações de Bombeiros.

Mas (talvez sem que ninguém se apercebesse) algures, lá para as bandas do rio, na parte sul da freguesia, desenrolava-se outro drama, este bem mais profundo ainda. Aquele mesma hora (ou um pouco antes) ardia o populoso e rico lugar do Vale do Rio e o seu vizinho, Casalinho, enquanto as casas do Salgueiro ficavam rodeadas de labaredas, mas não ardiam. Providencial! Localizado o sinistro no Cara-

A própria vila correu perigo

pinhal onde as chamas chegaram ao edifício escolar, ouviu-se:—No Salgueiro é que é uma verdadeira desgraça!

Foi um clamor electrizante!... Ninguém sabia dos seus, mas —oh milagre da solidariedade humana!—cada qual, uns a corta-mato, outros em carros, fazendo não menos penoso sacrifício, já que todos sabem que nem Carapinhal nem Chãos possuem vias de acesso sofríveis, partiram!

—Sempre a maldadada estrada de Arega que tão fácil era de fazer, tão barata poderia ficar, aproveitando e rectificando o traçado antigo sem o morosidade e as demarches cujo fim e resultados são imprevisíveis para se ver integrada das poucas centenas de metros que a hão-de ligar a Figueiró—.

Cada um, dizíamos nós, se dirigiu para os lados do Salgueiro.

O carro em que viajava a nossa reportagem aos solavancos, riscando aqui, batendo acolá, sempre em perigo, lá alcançou a vila onde encheu os garrafões com água destinada a dessenden-

Populações inteiras reduzidas às poucas roupas que lhes cobriam o corpo.

tar alguns combatentes da «frente».

Mas, aqui, novo problema. Para se ir ao Salgueiro havia duas hipóteses: ou atravessar a serra do Douro por entre pen-

dos soltos e mato—impraticável, portanto, para veículos—ou seguir por um atalho—desfiladeiro que

O edifício do antigo hospital foi transformado em abrigo de refugiados, que igualmente se encontram dispersos por muitas casas particulares.

da Capela do Senhor Jesus vai dar ao Douro onde a estrada que um dia há-de chegar (?) ao Vale do Rio se liberta do «Queilão» que a separa do outro traço já concluído há anos e que, passando por Ribeira de S. Pedro, vem dar a Figueiró.

Oh céus, mas se tudo vale a pena quando a alma não é pequena por que motivo continua o malvado Queilão a estorvar a ligação entre os dois troços da estrada do Douro?

Perdoem se esta divagação, sr.s leitores, mas só em momentos como o de ontem é que se avulta bem a razão da revolta dos habitantes daquela zona da freguesia e do concelho por estarem bloqueados no meio de serranias, sem que os socorros do médico ou dos semelhantes os possam alcançar de um de Janeiro a 31 de

Continuação na 6.ª página

Imagens da catástrofe nas páginas seguintes

REPORTAGEM NO VALE DO RIO

Continuação da 6.ª página

lugar pequeno-pouco mais de meia dúzia de casas—mas por isso mesmo revelava mais eloquentemente a desgraça que o atingiu.

Das casas conservam-se no ar restos de paredes com madeiras ainda fumegantes.

No que fora o seu interior, vimos ferros de camas torcidos e calcinados, sinais de derramamento de gorduras, milho queimado, ovelhas, cabras, suínos, batatas, máquinas utensílios domésticos, tudo carbonizado, deformado, apavorante!

Numa pequena horta uma grande laranjeira com muitas laranjas maduras (possível esperança do seu proprietário num rendoso mercado!) ressequida totalmente, queimada mesmo. No que restava duma capoeira encontramos galinhas mortas, intactas, na posição que essas aves tomam quando comem.

Não podíamos mais, subimos de novo a ladeira, fazendo esforços por chegar ao fim da nossa missão.

Vale do Rio

Avessámos o Salgueiro, povoação de certa importância que fomos rodear, queimando, propriedades, mas preservando as casas.

Com os habitantes que uma brisa de vento, aliada a um esforço sobre-humano da população, salvou as casas, mas como os moradores, ao verem-se perdidos, tentaram retirar de casa alguns bens, acabaram por ser vítimas do seu acto, quando na fúria, chamadas tudo se obrigaram a abandonar.

E, eis-nos, finalmente no maravilhoso Vale do Rio.

A entrada deparámos com as viaturas alinhadas e logo um bombeiro se dignou guiar-nos por entre os escombros do que fora uma ridente e próspera povoação, com mais de 60 casas bem construídas, particularmente rica em azeite, pinhal e mel.

O quadro que observámos, pensámos em não o reproduzir, mas os leitores querem saber coisas e a nossa missão é informar.

Diremos, pois, que a primeira impressão foi terrível, pois que num relance nada mais vimos do que restos de paredes ergui-

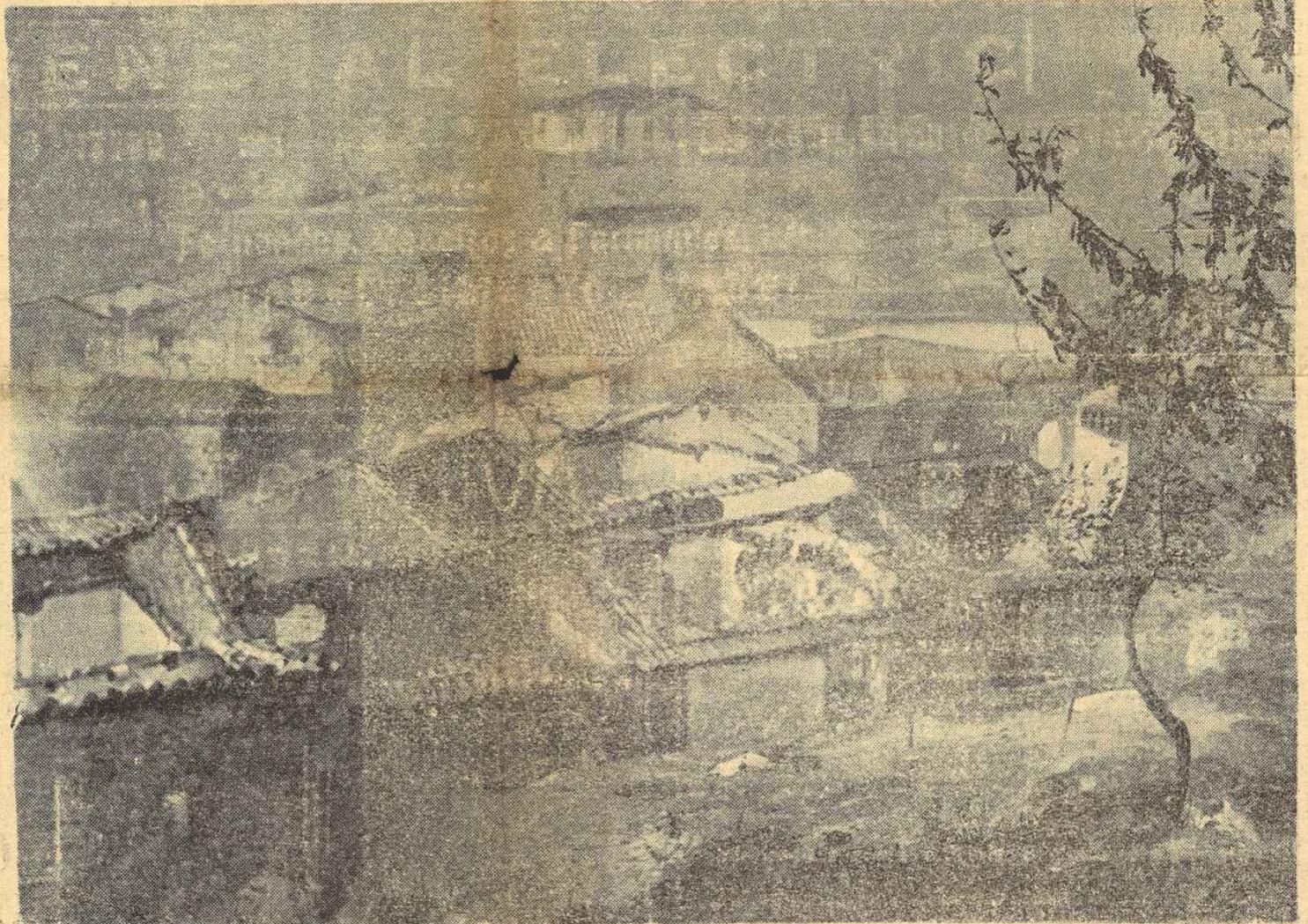
Seguiu para Lisboa o Governador Civil acompanhado do Sr. Presidente da Junta Distrital.

das ainda fantasmagoricamente, fumegantes, a derrocarem a cada momento, ao mesmo tempo que a pituitária nos era irritada por um cheiro forte a carne queimada!

Reportagem fotográfica

Foi graças à gentileza do nosso ilustre colega «O Comércio do Porto» que se nos tornou possível apresentar aos nossos leitores algumas imagens colhidas no Vale do Rio.

A quem importante Diário e de modo especial ao seu Ex.mo Director ficamos, pois, muito e muito agradecidos.



Avançámos pela rua que devia ter sido a primeira da povoação. E então vimos, vimos gente. Nos quintais os valorosos soldados abriam longas valas, enquanto outros tentavam penetrar nos escombros fumegantes, trazendo em padiolas dezenas e dezenas de animais domésticos carbonizados e mutilados a fim de serem enterrados. Era um espectáculo sinistro, terrivelmente macabro!

Os poucos «regressados» do lugar (devemos dizer que toda a população deve ter fugido) acampavam pelos restos calcinados, gemendo a sua desdita.

Não pareciam pessoas, eram mais farrapos humanos, abatidos por profunda depressão moral e física.

Só vimos meia dúzia de crianças. Na maioria dos casos via-se uma ou outra pessoa duma família angustiada pela incerteza do destino dos parentes.

Dizia-se que muitos estavam salvos em Figueiró, mas quantos e quem eram? Nas suas apreensões aqueles infelizes receavam o pior.

Entretanto, o pessoal militar prosseguia a sua tarefa enterrando, buscando, animando aquela meia dúzia de pessoas inconsoláveis.

Mais adiante deparou-se-nos outro quadro, não menos arripante: animais domésticos (cabras, ovelhas, suínos) semi-vivos parcialmente queimados, desfigurados e intumescidos permaneciam de pé, agitando-se, a espasmos, em convulsões horribéis. Alegrou-nos a presença do sr. Dr. Gameiro — Veterinário Municipal — que, humanamente, mandava proceder ao abate destes infelizes, pondo assim termo ao seu inglório sofrimento.

No que outrora foram um belo campo de milho contemplámos alta pilha de animais carbonizados, à espera de sepultura; eram burros, ovelhas, galinhas,

cabras, suínos (só destes pereceram mais de 100), etc. Não podemos descrever!

Vimos um boi, miseravelmente contraído, intacto, e morto por asfixia num ângulo de duas paredes! Mas, pouco mais podíamos suportar. Aquelas cenas venceram-nos; elas superavam a sensibilidade mais embotada.

Chamou-nos à realidade um choro alto, irrompendo das vizinhanças. Retrocedemos, contemplando o chão do que foram as bem construídas casas do Vale do Rio. Nos escombros fumegantes sempre o mesmo: ferros de camas torcidos e queimados, vestígios de máquinas de costura e agrícolas, trens de cozinha queimados e informes, pedaços de relógios, potes de azeite partidos e entornados, carnes conservadas meio derretidas e fumegantes, batatas a arder, sacos de milho feitos em carvão e cinza, eiras repletas carbonizadas, enfim uma desgraça, uma tragédia impossível de narrar.

A saída da povoação visitámos novamente o acampamento, só comparável aos dessas miseráveis praças indianas ou árabes. Gente prostrada, desesperada, terrivelmente inconformada, sem vontade própria, sem nexo nas suas atitudes.

Registámos alguns dos seus lamentos.

— Que havemos de fazer? Para onde vamos? O que vivamos remediados. Aqui não havia pobres, antes eles nos procuravam. Hoje precisamos das esmolas dos mais pobres. Não temos casa. Não temos que comer. Pamos trabalhar, mas fazer o quê? A nossa volta só há ruínas, e as, campos e matas queimadas. Quem nos há-de acudir?

Abandonámos o que fora Vale do Rio. Era impossível permanecer lá por mais tempo. Da que fora uma bela povoação restava o edifício escolar, cuja cerca ardeu e três ou quatro casitas

das mais modestas e inacessíveis. Tudo o mais era miséria, negrume, desolação...

Aconselhámos os poucos habitantes, em pranto, a acolherem-se à caridade e hospitalidade da vila e partiros.

No regresso, pudemos contemplar vestígios de grandes colmeias e certificar-nos da forma providencial como o Douro se salvou. As chamadas tudo lanberam até cerca de 5 metros das habitações, mas nesse momento exacto a mudança verificada na direcção do vento afastou daquele lugar o espectro da completa desgraça que o rondou tão de perto.

Ajalhámos para o Senhor Jesus, subindo o atalho que cruza a serra até à capelha, mas a meio de tão curto percurso tivemos de seguir a pé, visto que só assim foi possível ao motorista

conduzir o veículo pelas barrocas cobertas de poeira onde as rodas patinavam, mas não progrediam.

A tarde alegrámo-nos ao sabermos que por ordem do Sr. Presidente da Câmara todas as pessoas e salvados dos lugares martirizados que visitámos haviam sido evacuadas e alojadas no antigo hospital até que a sua triste situação seja alvo da atenção do Governo.

No Vale do Rio prosseguia o enterramento dos animais e as pesquisas no sentido de serem encontrados cadáveres, pois anunciava-se ser grande o número dos desaparecidos.

A tarde foi encontrado um e uma pobre mulher apareceu numa mina, rodeada de água, com graves queimaduras, acompanhadas dum cão, mas felizmente viva.

Desconhecem-se as causas do sinistro

Apesar da maior ou menor especulação surgida sempre nestas ocasiões, o certo é que não se vislumbram quaisquer razões que habilitem a deduzir a verdadeira origem do incêndio.

Segundo a opinião dum grande sector da população ele teria eclodido das proximidades de C. rnache do Bonjardim, alastrando depois em grande escala pulverizando tudo, sem que o próprio Zêzere lhe barrasse a passagem.

Por outro lado a ventania que se levantou favoreceu loucamente a progressão das chamas.

E', porém, não menos verdade que a rapidez desse avanço surpreende muitos, tanto mais que não há a certeza absoluta do número exacto de focos; que para uns se circunscreve a um com várias linguas irradiantes e na opinião de tantos ultrapassa a

meia dúzia.

Não esqueçamos que se verificou a conjugação de várias circunstâncias favoráveis: a extrema secura do terreno, o calor, o vento, em certos casos a desorientação das populações, perfeitamente natural, anote-se.

Como quer que seja, e sem excluirmos a hipótese duma acção criminosa, queremos uma vez mais repetir o que tantas vezes temos dito: é um dever dos mais elementares cada qual compenetrar-se das suas responsabilidades para consigo e para com a sociedade. Cuidado! Muita prudência! Apelamos igualmente para as entidades oficiais no sentido de serem tomadas algumas providências que diminuam a possibilidade de repetição destas tragédias. Não será possível obrigar os proprietários

Continua na 3.ª página

Reflexões sobre uma grande tragédia

TUDO... TUDO É PRECISO!

A instalação de numerosas famílias no antigo edifício da Misericórdia local criou graves preocupações a quem tem a seu cargo velar pelo alojamento dos desamparados.

Numa acção rápida, apelou-se para a população da vila e esta, há que referir-lo, correspondeu, talvez até de maneira admirável.

Em breve se arranjaram colchões, cobertores, agasalhos, alimentos, enfim o mais essencial para uma primeira fase. Porém (temos de o dizer!) é muito precária ainda a instalação dos «refugiados». Poucos têm um travesseiro ou uma almofada. Os cobertores só chegarão enquanto o tempo quente se mantiver! Os colchões ainda não são suficientes! Não olvidemos também que aqueles infelizes ficaram reduzidos aos trapos que, no momento, lhes cobriam a pele!

Precisa-se de generos alimentícios: de mercearia, da lavoura, etc. As crianças carecem de leite!

E o espírito precisa também de ser arripado! Que se capitem disso as almas bem formadas. A obrigação de contribuir é igual para todos na medida das suas possibilidades.

Tudo... tudo é preciso! Que não se apaguem nos corações os sentimentos de caridade, generosidade e solidariedade.

As ofertas podem ser entregues na Câmara Municipal ou ao Pároco da Freguesia.

Mas estamos certos de que os vossos leitores espalhados pelo País, pelo Ultramar e pelo Estrangeiro não quererão ficar indiferentes.

Aqui fica, pois, aberta a subscrição. De qualquer oferta que nos seja enviada daremos conta a quem de direito.

Pessoal de «A Regeneração e Tipografia Figueirense» (Um dia de trabalho) — 117\$00.

Última Hora

Chegou-nos a carta que passamos a transcrever e que dispensa qualquer comentário:

Ex. mo Senhor Director do Jornal «A Regeneração» — Figueiró dos Vinhos.

Duas irmãs, estudantes, que tentavam passar uns dias do mês de Setembro no lugar de Atalala Cimeira, freguesia da

As faltas de água

Têm-se verificado nos últimos dias repetidas faltas de água nas torneiras do abastecimento domiciliário, ao que nos consta, por rebentamento de tubos. Sucede mesmo que durante a noite a água fica fechada.

Dado o grande número de incêndios verificados, não será descabido referir o que tal estado de coisas pode acarretar.

É preciso acelerar-se o ritmo de trabalho das brigadas de reparação a fim de que seja garantido o regular abastecimento.

Oraça, de onde o nosso pai é natural, ao terem conhecimento do pavoroso incêndio que envolveu esse concelho, denominada mente a povoação mártir de Vale do Rio, resolveram anular esse projectado passeio e a importância que dispunham para esse fim enviá-la por vosso intermédio a essa pob e gente.

Junto enviamos um vale de correio na importância de 500\$00 que V. Ex.ª se dignará entregar a quem mais necessitar. Certos de que o vosso conceituado jornal não ficará alheio a esta desgraça apresentamos a V. Ex.ª os nossos agradecimentos.

Almaia 31 de Agosto de 1961

Maria Helena e Maria Amélia dos Santos Coelho.

A Transportar . . . 617\$00

Heróica a acção dos «combatentes»

Não podemos deixar de consagrar duas palavras de louvor a acção daqueles que tiveram a seu cargo a direcção e combate ao sinistro.

É insofismavelmente digna do maior louvor a acção desenvolvida pelo sr. presidente do município e demais entidades ligadas à Câmara Municipal, pelo comando e praças da G. N. R. pelas inúmeras corporações de Bombeiros, pelos valorosos militares que conosco estiveram até quarta-feira e, finalmente, pela massa anónima da população, senhoras, homens, donzelas e rapazes. Todos, todos foram incansáveis, quer na «frente», quer na «retaguarda», todos mostraram, dia e noite, quanto sabem pôr bem alto, no momento preciso, o cumprimento dos seus deveres cívicos e humanos. Bem-hajam, pois!

Desconhecem-se as causas do sinistro

Continuação de 2.ª página

a cortarem os seus matos e limparem os pinhais? Será de todo impossível dotar os elementos encarregados da vigilância pública dos meios necessários a um patrulhamento activo? Seria inútil promover, especialmente nas zonas rurais palestras em que se traçassem directrizes a seguir, se dessem instruções às populações?

Cuidado com o fogo! Lembremo-nos de que um acto irreflexivo pode provocar a ruína de populações inteiras e com ela a destruição da economia nacional.

Este jornal tem sido publicado pela Comissão de Defesa



O problema das estradas de penetração

Mais uma vez, ficaram patentes as dificuldades derivadas da falta de vias de comunicação para os diferentes locais.

Não esqueçamos que na freguesia só Aldeia Ana de Aviz, Chávelho, e Bairradas têm fácil acesso, exactamente porque são atravessados por estradas nacionais e o que sucede na freguesia, acontece na quase generalidade do concelho.

As diferentes povoações ligam-se à sede por «caminhos de cabras», pois as que têm estradas (ou deveriam ter) vêem essas vias obstruídas, a meio, devido a troços que as populações já quase não creem ver desimpedidas algum dia. É o caso do Carapinhal, Chãos, Douro, Salgueiro, etc., etc.

Não interessa aqui discutir hoje em que medida a desgraça presente podia ter sido atenuada, se os diferentes lugares ti-

A urgência da reinstalação das famílias desalojadas

Como já dissemos, a população do Vale do Rio foi evacuada ou refugiou-se na vila, encontrando-se, a título provisório, no

edifício do antigo hospital — ao Convento do Carmo — dezenas de famílias e tendo-se acolhido outras à hospitalidade generosa de pessoas conhecidas da vila ou subúrbios.

São muitas as crianças que foram recebidas por particulares.

Ora, mas isto é uma situação transitória. Urge proceder imediatamente à reconstrução da aldeia ou à reinstalação das famílias em lares próprios. Trata-se sem dúvida do mais grave problema social até hoje enfrentado por Figueiró.

Além das casas destruídas, a população do Vale do Rio e doutras zonas atingidas, ficou com as economias desteitas, re-

Continua na 6.ª página



Uma vida melhor com um frigorífico

GENERAL ELECTRIC

FAMOSOS EM TODO O MUNDO

UMA LINHA COMPLETA DISOE 4.730\$00

A venda nos Agentes

Fernandes, Medeiros & Fernandes, L.^{da}

ESTABELECEMENTOS RADEL

Grandes facilidades de pagamento

SALÃO PAIVA

CABELEIREIRO

AO SERVIÇO DA BELEZA FEMININA

O Salão Paiva começa que a partir do dia 30 de Março de 1961 se desloca ao AVELAR às segundas e quintas-feiras.

Agradece a visita de V.^{as} Ex.^{as} a este novo Salão, instalado no LARG DA VILA, perto da FARMACIA MEDEIR S, e m o TELEFONE 4

Figueiró dos Vinhos

Avelar

3.^a Feira

4.^a «

6.^a «

Sábado

2.^a Feira

5.^a «

Preços acessíveis a todas as clientes. Marcações pelo Telefone 55 (P. F.)

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros (Frente ao Hotel Terrabela).

Figueiró dos Vinhos



BAV

Barreiros-Agência de Viagens, L.^{da}

Av. Torres Pinheiro, 104, TOMAR

TELEFONE: 32648

Passagens aéreas marítimas e terrestres

Reserva de H. téis no País e Estrangeiro

Excursões

Passaportes: vistos, revalidações, individuais e colectivos

Informações sobre o Turismo Nacional e Internacional

Salão de Cabeleireiras

Instalado na Rua do Sol nesta vila e apetrechado com os melhores produtos, aguarda a visita de todas as Ex.^{mas} Senhoras

Arte, Perfeição, Higiene, Conforto encontrará V.^a Ex.^a, minha Senhora, no Salão de Cabeleireiras da Rua do Sol

TELEFONE 42

Figueiró dos Vinhos

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos—TEL 13

Escritório em: Pedrógão Grande

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

PROPRIEDADE

Vende-se

Situada nos Mações—a 500 metros da Vila—confrontando com a família Correia.

Compõe-se de terras de semeadura, oliveiras, videiras e árvores de fruto.

Tem água todo o ano.

Informa esta Redacção.

Escola de Condução "FIGUEIRÓ"

Instalada no Edifício da Estação de Serviço Cabeço do Peão

Figueiró dos Vinhos

TELEF. 78

DE ALBERTINO DE OLIVEIRA SOUSA (COIMBRA)

Ligeiros e Motociclos amadores

Direcção Técnica de

ANTÓNIO DOS SANTOS BANHUDO

Atenção

Comissões de Festas

Antes de contratarem qualquer aparelhagem sonora para animar os seus arraiais devem consultar os serviços da aparelhagem Ideal do Pontão.

Mesmo em localidades onde não haja energia eléctrica, esta aparelhagem pode apresentar um magnífico grupo de iluminação para o que está equipada com uma geradora de 500V.

Aparelhagem aprovada para colaborar em festas religiosas.

Ao microfone

Locutores Competentes

Organizações — Albino Martins Pontão-Avelar

Telefone 41

Casa de Habitação

Vende-se com quintal e árvores de fruto a beira da E. N. a 200 metros do Bairro Municipal.

Informa esta Redacção.

SENSACIONAL

Agora a venda nesta vila SILVER MATCH «Luxe»

O Isqueiro Revolucionário a Gazcidla!

Basta retirar uma pequena tampa e terá lume! Acabaram-se as preocupações com cargas e todas as outras.

Garantia Ilimitada

Veja e experimente esta maravilha da Técnica no

AGENTE OFICIAL

Livraria Académica

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Vende-se

Casa da família Paiva David. B m emprego de capital. Informa: Fernando Manuel Paiva Dias, em Figueiró dos Vinhos.

Ferramenta de Serralheiro

— VENDE-SE —

Completa, por motivo de o dono estar ausente. Esta Redacção informa.

Passagens para África

Embarque rápido garantido nos melhores vapores

Tratar na Agência de Viagens

Jaime Paulo

Telefone 4 — ANADIA

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Provincia

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de

Casamentos

e Baptizados

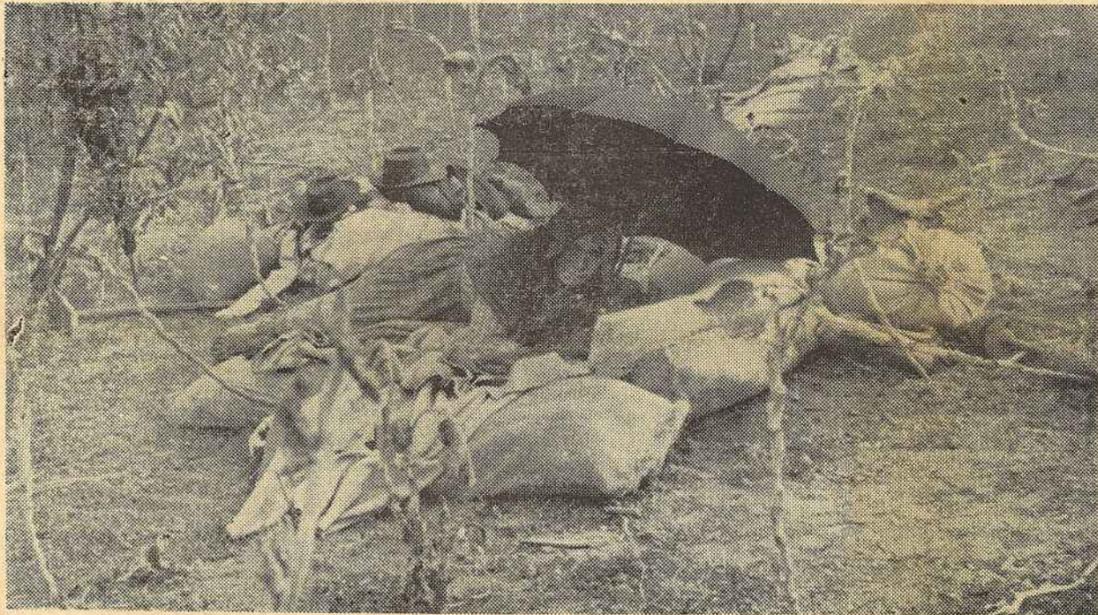
Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos

Anunciar neste Jornal

A urgência da reinstalação das famílias desalojadas



Continuação da 3.ª página

duzidas ao nada. Os pinhais arderam e resta vender os aproveitáveis no mais curto lapso, antes que os fungos os ataquem. Os restantes bens, dos animais domésticos às provisões e a algum «pé de meia» acumulado ao canto da arca, foram devorados pelas chamas.

Visitámos ontem o «refúgio» desses infelizes. Não lhes falta, é certo, a caridade, o auxílio

dos semelhantes especialmente da população da vila, mas o conforto é, naturalmente, ainda precário nas actuais circunstâncias.

É uma situação transitória, mas que seria gravíssimo e até criminoso descurar.

Há que dar destino a esses desalojados. Para já, impõe-se dar trabalho às pessoas (homens e mulheres) válidas, mas o tempo urge não tardar que comecem as chuvas e com elas o tempo crítico da lavoura.

Impõe-se, pois, a pronta actualização do Governo da Nação a quem o Chefe do Distrito já deu conhecimento da situação.

Esperemos que a breve trecho mais esta batalha seja ganha. Achamos mesmo que só «in loco» a situação é susceptível de estudo atento. E não tardará, certamente, que os chefes dos departamentos governamentais mais ligados à magna questão a venham apreciar.

Pela Redacção

Pelo sr. Emílio dos Santos, do Carapinhal, foram pagas as assinaturas de seu filho sr. Manuel da Costa Santos e cunhado sr. Sebastião Maria Barata, residentes em Vila Manica—Moçambique.

— Cumprimos o estudante sr. Anibal Costa Henriques, de Nodeirinho, que pagou a assinatura de seu pai, sr. José Henriques Júnior.

— O sr. Augusto Lopes Silveiro, do Chavelho, veio até nós pagar a sua assinatura.

— A assinatura do sr. Manuel Carvalho, residente em Lourenço Marques, foi actualizada pelo sr. José Nunes Assunção, de Carvalho Pequena.

— Do sr. José Lopes da Rocha, recebemos a importância destinada à revalidação da assinatura de seu irmão sr. Manuel Lopes da Rocha.

— Veio a esta casa pagar a assinatura de seu irmão sr. Augusto de Jesus Simões, actualmente a prestar serviço militar em Angola, a menina Floripes de Jesus Simões.

— Pelo sr. Alberto da Silva Roque, seu sogro, foi renovada a assinatura do nosso leitor em Quixaxe, sr. José do Carmo Moraes.

— Visitou-nos o sr. Raúl Martins dos Santos, residente em Lisboa que se dignou pagar a sua assinatura.

— Cumprimos o sr. Alfredo Martins, de Casal Velho, Aguda, que pagou a sua assinatura.

— A assinatura do sr. Alvaro Simões Ferreira, residente no Brasil acaba de ser actualizada por seu irmão sr. Manuel Simões Ferreira, comerciante local.

— O sr. Amadeu da Silva Mendes, de Moninhos Cimeiros pagou a assinatura de seu pai, sr. José da Silva Mendes, ausente em S. Tomé.

— Deu nos o prazer da sua visita o sr. Manuel de Almeida, do Caparito, que teve a gentileza de liquidar a sua assinatura.

— Do sr. José Jacinto Nunes, recebemos a importância referente ao pagamento da assinatura de seu filho Horácio Francisco Nunes, residente na Beira.

— Deu-nos o prazer da sua visita o sr. António Joaquim de Oliveira, nosso assinante em Sintra.

— Pagou a sua assinatura, seguindo depois para Alge o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Manuel Maria dos Santos.

— Visitou-nos o nosso assinante sr. Adelino da Conceição Faria, do Colmeal, que procedeu ao pagamento da sua assinatura.

— Cumprimos o sr. Adrião Lopes Graça, actualmente em férias em Alardo—Graça que teve a gentileza de pagar a assinatura.

— O sr. António Nunes actualizou a assinatura de seu irmão sr. Albino Nunes, residente em Lourenço Marques.

— Do sr. Domingos Jorge, residente em Casal de S. Simão recebemos a importância relativa ao pagamento da sua assinatura.

— A assinatura do sr. António da Silva Coelho, residente em Santa Maria—Alentejo, foi renovada por seu pai, o nosso assinante em Alentejo da Cruz, sr. José da Silva Coelho Júnior.

A todos nós confessa-se muito grato.

Aviso aos sr.s Clientes da Tipografia figueiroense

Tendo a Gerência desta firma tomado conhecimento de que alguns dos seus dedicados clientes têm sido abordados por um elemento ligado ao seu ramo, valendo-se, abusivamente, do nome do sr. Dr. Teixeira Forte, esclarece-se que todos os trabalhos efectuados nesta Casa levam impressa a legenda **Tipografia Figueiroense** a menos que o cliente o proíba e, apenas serão visitados pelo oficial **FERNANDO ROSALINO**.

Espera-se deste modo prevenir os incautos, reservando-se a Gerência o direito de a todo o tempo defender os seus direitos pelos meios que a lei lhe concede.

Declaração

Carlos da Conceição Santos, casado, residente no lugar de Quinta do Mouchão, freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos, declara para os devidos efeitos que não se responsabiliza por quaisquer compras, empréstimos ou contratos, efectuados por seu pai Manuel dos Santos Júnior, viúvo, residente no dito lugar de Quinta do Mouchão.

Figueiró dos Vinhos 28 de Agosto de 1961

Sigue o reconhecimento

CASAMENTO TRESPASSE-SE

No passado dia 20 de Agosto na Igreja de S. Francisco, da cidade de Évora, celebrou-se o enlace matrimonial da menina Antónia Jacinta dos Santos, filha extremeza do sr. Francisco dos Santos, conceituado Construtor Civil e de sua esposa, D. Maria Inácia Fustina dos Santos com o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Domingos da Conceição Costa, comerciante em Tomar, filho do nosso prezado amigo sr. Augusto Henriques da Costa e de sua esposa sr.ª D. Maria da Conceição, residentes no vizinho lugar da Lavanteira.

Presidiu ao acto o sr. Conde Joaquim Cristóvão, que na oração própria proferiu uma brilhante allocução aos noivos.

A noiva foi acompanhada por seu pai e irmã D. Inácia Fustina dos Santos; e o noivo pelo sr. Angelo David e Silva, proprietário da Fábrica do Pão de Ló de Figueiró dos Vinhos, e sua esposa, sr.ª D. Maria do Céu Quaresma Bruno e Silva.

A uma assistência computada em mais duma centena de pessoas de todas as categorias sociais foi depois oferecido um fino «Copo de Água» que decorreu com grande animação e teve lugar no belo edifício da ENAT, gentilmente cedido.

«A Regeneração» endereça aos noivos as suas felicitações e deseja-lhes as maiores venturas.

Estabelecimento de café, casa de pasto, pastelaria, confeitaria, etc.

Proprietário: José António

Endereço: Rua de S. João

N.º 10

Telefone: 28

Horário: das 7h às 11h

Aberto todos os dias

Exceto domingos e feriados

Preços módicos

Sua loja de S. João

à Escola Feminina, Figueiró

dos Vinhos, 1.º cal.

Falecimento

No passado dia 24 de Agosto faleceu em Alge a sr.ª D. Jacinta da Conceição, de 82 anos, viúva do sr. António Simões Brás.

A eximta era mãe dos sr.ºs Domingos Simões Brás, actualmente em Alge, e do sr.º D. Maria do Carmo da Conceição e Adriano Simões Brás, casado com a sr.ª D. Conceição Maria, e igualmente residente naquela vila, e ainda da sr.ª D. Maria da Conceição Simões, casada com o sr. Manuel da Silva.

O funeral, realizado no dia imediato para o cemitério da freguesia teve largo acompanhamento, revelando assim o alto apreço em que a finada era tida.

«A Regeneração» associa-se ao pesar da família enlutada e apresenta-lhe sentidas condolências.

Atenção, Sr.º Vinicultores!

DROGARIA GRANADA

Encontra-se à vossa disposição para o fornecimento, nas melhores condições de qualidade e preço, de todos os produtos para a vinificação e trabalhos preparatórios.

||| Ácido tartárico, açúcar cándi, metabisulfito, sebo francês, produtos para lavagem e conservação de vasilhame |||

Antes da vossa decisão impõe-se uma visita

DROGARIA GRANADA

Rua Dr. António José de Almeida
Figueiró dos Vinhos

José Ribeiro de Carvalho

FABRICANTE

DE

Celras e Capachos para Legeres de Azalte



Capachos em Calro para todas as marcas de carros

Grandes quantidades em Stock para entrega imediata

Telef. 28

CABAÇOS

Compra-se

Propriedade nos arredores da Vila, em bom local, não muito grande.

Dá-se preferência a uma que tenha casa de habitação e facilidades de água.

Interessa nesta Redacção.

UVAS

De 1 a 8 de Setembro aceitam-se propostas em carta fechada para a compra da produção da Colónia de Férias do Barco Nacional Ultramarino — Casal de S. João — nesta vila.

Balcão Envidraçado

Vende-se, em bom estado, com o comprimento de 3,70 metros. Este redacção informa.

anuncial em «A Regeneração»

O dantesco fogo que assolou Figueiró dos Vinhos

fez viver horas de angústia

Continuação da primeira página

D zembro e donde os doentes têm de ser transportados em macas at avés de pinhais e intempéries!!!

Apelamos para o Senhor Presidente do Conselho: abra-se a estrada aos habitantes do Douro e povoações ribeirinhas limitrofes!

Quando, através do tal desfiladeiro do Senhor Jesus chegámos à estrada do Douro, as chamas já consumiam o Douro Figueiró onde houve casas carbonizadas, precisamente a beira da estrada.

Presenciámos então um espectáculo horrível. As chamas lambiam o terreno em vagas alteradas e céleres, as crianças fugiam estrada fora, chorando e levando consigo os irmãos mais pequeninos e algum gado, as mulheres choravam e teimavam em não deixar os haveres, os homens e baixos diziam-nos:

**Houve 2 mortos e
mora-se o paradeiro
de algumas pessoas.**

Não avancem, senhores! As chamas já ali vêm. Não fica na estrada, estamos perdidos!

Na realidade a onda de calor e poeira era sufocante.

O Douro corria perigo. Dentro de meia hora, se Deus dele se não amerceasse estaria em ruínas...

Corremos de novo a Figueiró, mas ao atingirmos de novo o Senhor Jesus, soubemos que as chamas, galgando a estrada do Douro começavam a devorar a encosta da serra do mesmo nome, ameaçando as Bairradas, Varzea Redonda e, novamente, Figueiró!

E a um cataclismo!

O sol desaparecera. As fatiças já caíam na vila, o cheiro a queimado era intenso.

A breve trecho, as labaredas atingiram o Senhor Jesus, pondo

em risco as viaturas que ali estacionavam.

Chegava a notícia que as Bairradas estavam salvas, já que as chamas, desviadas pelo vento, rumaram em direcção à Barragem da Bouça e Graça.

Da sorte do Vale do Rio, Casalinho, Salgueiro, não havia ainda dados precisos. Os seus horizontes estavam envoltos em fumo e fogo.

Verificava-se, entretanto, a chegada de novas Corporações de Bombeiros e dum grupo de agulhetas de espuma da Base Aérea n.º 5.

A praça fronteira aos Paços do Concelho transformada em centro de comando, com a presença do Senhor Governador Civil, Presidente da Junta Distrital, Tenente da G. N. R. e outras Autoridades, parecia um arraial.

Mas... era o desenlace. Começavam a chegar refugiados do Vale do Rio, Casalinho e Salgueiro, que a corta-mato e calcorreando quilómetros e quilómetros haviam fugido à onda avassaladora, deixando os haveres.

Levantado novo problema não menos agudo: o alojamento desses refugiados. Serviu, de momento, o Salão Nobre dos Paços do Concelho e as casas de alguns particulares — aquele depressa transformado em refectório e dormitório; estas albergando inúmeras crianças e adultos.

Na frente, a dureza do combate era-nos revelada pelos transportes militares em constante vaivém.

Sabia-se pelos refugiados que as suas povoações deviam estar desfeitas, mas a natural imprecisão das suas narrativas, entremeadas de dolorosos gritos e gemidos, não permitiam avaliar a extensão exacta da tragédia. Eram 3 horas da madrugada.

Estávamos exaustos. Recolhemos para no outro dia, manhã cedo, continuarmos a nossa tarefa.



folhas cor de palha e tronco negro como o chão, qual triste lamento pela extorquiação do viço que há pouco ostentavam.

Após curta paragem na vila, lá fomos para o sul, rumo ao Vale do Rio pela estrada das Bairradas, para onde seguira, manhã alta, uma coluna militar e a reportagem do nosso colega «Comércio do Porto».

Como tínhamos de trilhar qualquer das duas miseráveis rotas já enunciadas, resolvemos tentar ir por uma e regressar pela outra.

Arriscámo-nos a muito, indo pela serra do Douro, tomando o atalho que cruza a estrada algumas centenas de metros além do Senhor Jesus. Dizemos arris-

cámo-nos porque a travessia daquele «deserto» foi uma aventura autêntica que so nuito grave motivo nos obrigará a repetir.

A velocidade de 5 Kms por hora (!), lá fomos avançando, aos saltos, por cima de penedos de todos os tamanhos, que em parte de arru nada caída constituía a via de comunicação, antes atra-

Os recolhimentos, em grande parte já feitos, reduzidos a cinza.

vés de urzes, estevas, giestas e mais arbustos, agora pelo meio de trevas donde se erguem aqui e além, como fantasmas, caules queimados.

Para os leitores conhecedores do terreno já não é novidade a nossa posição: de xámos a zona do grande pinhal, totalmente carbonizado numa extensão que de ambos os lados da estrada vai ao Senhor Jesus às Bairradas numa profundidade a perder de vista para os lados da Graça, Arega e Foz de Alge e começámos a descida para o Douro pela outra em posta da Serra.

Parando de dez em dez metros para remover grandes penedos, chegámos ao fundo da ladeira 45 minutos depois de deixarmos a estrada nacional!

Tínhamos à nossa frente a zona devastada do Douro e a sua estrada, que começa agora a ser menos regular até ao Vale do Rio, mas, mesmo assim, relativamente aceitável.

Estávamos a olhar as ruínas fumegantes duma casa de habitação quando nos chamou a atenção o choro alto de duas mulheres que iam ver com o cão o lugar do Casalinho onde uma delas morava, conseguindo, todavia,

fugir e refugiar-se (?) no Douro! Estávamos em plena zona carbonizada. A nossa volta até aos confins do horizonte só víamos terrenos e árvores queimadas.

Aproveitámos a companhia daquelas mulheres para irmos ao Casalinho, que, segundo a sua informação, ficava no fundo dum vale, a cerca de 500 metros do ponto onde estávamos.

Atravessávamos a queimada quando algo nos surpreendeu: no alto dum cabeço, num cruzamento de caminhos, fumegavam os despojos duma mala de roupa e valores que alguém até ali arrastara na tentativa desesperada de salvar, ao menos, as suas vestes. Não lho permitiram porém, as chamas cruéis! Mas isto era ainda o começo do que se nos depararia durante a jornada...

A meia dúzia de passos (seguiamos a pé por um carreiro) jazia um corpulento suíno carbonizado. Mais abaixo, outro destes animais, mais outro, tantos mais, horrivelmente mutilados pelo fogo. Causou-nos particular emoção uma enorme bécora que jazia rodeada dos seus 3 leitões!

Convém aqui dizer que os habitantes de algumas casas das redondezas: Salgueiro, Casalinho, Douro, abriram os currais, numa derradeira esperança dos animais buscarem refúgio algures. Contudo, a intensa onda de calor e as chamas viam-nos no trajecto!

Agora o Casalinho! Era um

Continuação na 2.ª página

Dezenas de crianças sem pão e sem vestuário. Dezenas de braços sem trabalho e sem lar.

Impossível descrever o que vimos na martirizada aldeia de Vale do Rio

Manhã do dia 29 de Agosto. Iniciámos a missão que nos propusemos de véspera: a observação da zona devastada pelas chamas.

Verificámos o negrume que se estende do Chivilho numa larga faixa paralela à Beira de Água. Alta e que para além delo se estende pelas encostas de S. Neutel. Após o exame do local onde foi encontrado o cadáver do sr. António Campos, morto quando lutava com o fogo que lhe ameaçava o lar, seguimos pelo lado de Figueiró até ao Carapinhal.

O terreno ardia ainda, sendo muitos os focos alimentados por materiais de combustão mais lenta, ao que nos dizem inofensivos já que o terreno circundante lhes não oferece o desejado «pasto».

Aqui uma casa recentemente construída e de que restam, apenas, as paredes! Acolá, mais casas total ou parcialmente queimadas, hortas e vinhas devoradas pelas chamas. Nos quintais, verdadeiros acampamentos de salvados. Pinheiros e eucaliptos há-os às centenas, já ressequidos,

